

Aterros e montículos funerários Jê do Sul

Jonas Gregorio de Souza*

SOUZA, J.G. Aterros e montículos funerários Jê do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 89-94, 2011.

Resumo: Neste artigo comparo diferentes sítios de aterros e montículos funerários Jê escavados em Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. O primeiro tipo consiste em dois pequenos aterros circulares cercando montículos com sepultamentos cremados. O segundo apresenta um grande aterro circular unido a um muro retangular e cercando três montículos. A arquitetura dos sítios, o dispêndio de energia em sua construção e as atividades realizadas nos mesmos sugerem distinções hierárquicas entre os vários cemitérios.

Palavras-chave: Jê do Sul – Complexidade – Arqueologia mortuária.

Introdução

A ocupação Jê pré-colonial nas terras altas do sul do Brasil tem como uma de suas características o investimento em construções monumentais, como os aterros anelares (muros de terra) e montículos funerários. Sob influência do *Handbook of South American Indians* (Steward 1946), os povos Jê foram considerados marginais e a evidência da construção de tais monumentos funerários poderia indicar maior complexidade entre essas sociedades no período pré-colonial (consultar Beber 2004 e Noelli 1999 para um histórico da arqueologia Jê do Sul). Discuto a seguir essa questão, apresentando sinteticamente os preceitos teóricos que relacionam arqueologia mortuária e organização social, bem como os dados de escavações em sítios de aterros e montículos funerários Jê no município de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. O projeto na região é atualmente financiado pela *Wenner-*

Gren Foundation e coordenado pelos Drs. José Iriarte (University of Exeter, UK) e Silvia Copé (UFRGS). Esta discussão é parte de meu projeto de mestrado orientado no MAE/USP pelo Prof. Dr. Paulo DeBlasis.

Problema de pesquisa

A reconstrução da organização das sociedades do passado, a partir das práticas funerárias, se baseia no pressuposto de que o *status* de um indivíduo em vida se refletirá no tratamento que receberá após a morte. Portanto, quanto mais complexa for uma sociedade, maior será o número de tratamentos funerários diferenciados (Binford 1971: 14-15). Alguns indicadores utilizados para medir a complexidade do cerimonialismo mortuário são o tratamento dispensado ao corpo, a preparação da tumba e os acompanhamentos funerários. Binford (1971: 17), Peebles e Kus (1977: 431), Tainter (1978: 121), O'Shea (1984: 36-44) e Carr (2006b: 241-247) enfatizam que, nas sociedades complexas, quanto mais alto for o *status* de um indivíduo, maior será o número de pessoas que lhe devem obrigações, contribuindo

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. Mestrando em Arqueologia, bolsista CAPES. <jonas.gregorio@yahoo.com.br>

com maior investimento de trabalho e dispêndio de energia no rito funerário.

Em casos nos quais não se encontram símbolos materiais claros de diferenciação, aspectos como a duração e as atividades que são realizadas durante o funeral podem distinguir o tratamento dispensado a indivíduos de alto *status* (Carr 2006b: 246). Aspectos como a localização da tumba – em posição proeminente ou segregada das demais – são também relevantes, embora as diferentes localizações dentro de um mesmo cemitério sejam um marcador comum de diferenciação horizontal – ou seja, pertencimento a clãs, linhagens ou irmandades específicas (Carr 2006b: 241-247; O’Shea 1984: 46-47).

No caso das distinções de *ranking*, espera-se que quanto mais alta for uma posição, menor será o número de pessoas a possuí-la – ao contrário das distinções horizontais, como as divisões clânicas, que possuem cada uma um número aproximadamente igual de membros (O’Shea 1984: 36-44; Peebles e Kus 1977: 431).

Outra observação importante é que a utilização de diferentes cemitérios por uma mesma sociedade é comum e implica na necessidade de uma abordagem regional para a arqueologia funerária. Tipos distintos de sítios rituais podem ser construídos e utilizados pela mesma sociedade, variando quanto à função, aos segmentos sociais que a eles têm acesso e aos rituais que são realizados em cada um deles (Bernardini 2004: 336; Carr 2006a: 77-79). Cemitérios diferentes também podem ser utilizados para o sepultamento de diferentes segmentos da sociedade, sendo tais cemitérios variáveis em termos de dimensões, aspectos formais e conteúdo (Carr 2006a: 77-79).

Os dados etnográficos para as sociedades Jê do Sul em período histórico confirmam a aplicabilidade de tais critérios. Os Kaingang do Rio Grande do Sul sepultavam apenas seus caciques principais sob montículos (Mabilde 1897: 165), ao passo que os Xokleng de Santa Catarina reservavam para seus caciques os montículos de maiores dimensões (Lavina 1994: 66; Silva 2001: 152). Em relação às divisões horizontais, ainda em época recente os Kaingang dividiam seus cemitérios espacialmente conforme as metades da tribo, seguindo a organização dualista tipicamente Jê (Crépeau 2002: 117-118).

Apresento agora os dados arqueológicos provenientes de estruturas funerárias que

possibilitam discutir a existência de distinções verticais (estratificação) e horizontais (metades) entre as mesmas sociedades em período pré-colonial.

Dados das escavações

O primeiro sítio a ser discutido, denominado RS-PE-29-3, exemplifica o tipo mais comum de estrutura funerária: o sítio é constituído por dois aterros anelares, denominados A e B, ambos com 20 m de diâmetro e um montículo no centro. Detalhes da escavação podem ser consultados em Souza e Copé (2010: 105-106). No montículo da estrutura A foram evidenciados dois sepultamentos cremados. O primeiro foi interpretado como um enterramento primário, tratando-se de uma pira funerária preservada *in loco*, com muitos carvões e alguns ossos calcinados, cercada por terra queimada. O segundo sepultamento consistia em uma feição semelhante a uma cova com muitos ossos calcinados. Esta foi interpretada como um sepultamento secundário: o indivíduo teria sido cremado em outro local, seus ossos recolhidos e sepultados sob o montículo – interpretação respaldada por relatos etnográficos do rito funerário Xokleng (Lavina 1994: 66) e dos Gualachos do século XVII (D’Angelis e Veiga 1996: 93-94). Pouco material lítico e cerâmico foi identificado nesse sítio, sugerindo que poucas atividades eram ali realizadas ou que o local era mantido limpo.

Resultados semelhantes provêm do sítio RS-PE-21, no mesmo município (Copé *et al.* 2002: 131; Saldanha 2005: 87-90, 2008: 91), bem como de sítios de Santa Catarina (De Masi 2009: 103-108; Müller 2008: 38-52). Tais estruturas podem ser interpretadas como cemitérios de comunidades habitando em conjuntos de casas semi-subterrâneas vizinhas (Copé 2007: 28-31; Saldanha 2005: 115, 2008: 91; Souza e Copé 2010: 108).

Alguns sítios fogem a esse padrão. Como exemplo, apresento o sítio Posto Fiscal, composto por um muro circular de 30 m de diâmetro unido a um muro quadrangular. Essas estruturas cercam três montículos: um no centro do círculo, outro no centro do retângulo e, por fim, um montículo sobre o aterro circular que, nesse ponto, se encontra aparentemente

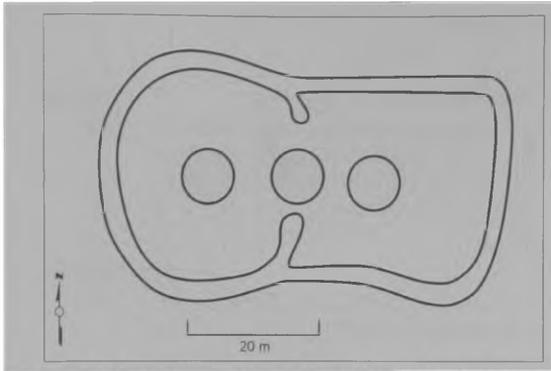


Fig. 1. Planta topográfica e planta baixa do sítio Posto Fiscal (Jonas Gregorio de Souza e Marcelo da Silva Sanhudo).

interrompido (Fig. 1). Os montículos estão alinhados no sentido leste-oeste. Além dessa estrutura arquitetonicamente complexa, encontram-se a noroeste e a sudeste outros pequenos círculos de 20 m de diâmetro.

A escavação do montículo central, denominado Montículo B, revelou uma quantidade de material lítico e cerâmico incomum para os sítios de aterros anelares. Além disso, foram localizadas algumas feições significativas, em especial uma lente de terra queimada que se sobrepunha a aglomerados de pedras (Fig. 2). Essa configuração se assemelha aos conjuntos de fornos registrados nos sítios de aterros anelares SC-AG-12 em Santa Catarina (De Masi 2009: 105-107) e PM-01 em Misiones, Argentina

(Iriarte *et al.* 2008: 951-957, 2010: 28-32). Poucos ossos calcinados foram encontrados associados a tais feições no Montículo B, não conformando estruturas funerárias claras.

Do material lítico ($n = 470$) proveniente da área escavada no Montículo B do sítio Posto Fiscal, a maioria (99%) corresponde a vestígios de debitage, incluindo lascas e núcleos unipolares e bipolares. Ocorrem ainda lascas de redução de biface (0,4%), instrumentos unifaciais (0,6%) e instrumentos bifaciais (0,4%). Dos fragmentos de cerâmica recuperados ($n = 53$), foi possível reconstituir duas formas. Uma delas é cilíndrica, aberta, infletida, com decoração zonada na forma de incisões losanguladas, espessura de 0,4 cm e diâmetro de 8 cm; a outra forma é em meia-calota, com espessura de 0,5 cm e diâmetro de 9 cm (Fig. 3). Estas formas de vasilhames muito pequenos e finos, aparentemente relacionados com o consumo individual de alimentos, são encontradas combinadas com frequência em sítios rituais Jê do Sul, tanto em contextos funerários (De Masi 2009: 107; Müller 2008: 42; Saldanha 2005: 90-92) quanto em contextos cerimoniais envolvendo festins (Iriarte *et al.* 2008: 954-955, 2010: 30). Vemos, portanto, que no sítio Posto Fiscal, cuja arquitetura se destaca por sua complexidade, também ocorria uma gama muito maior de atividades, como se depreende das feições e dos conjuntos líticos e cerâmicos.

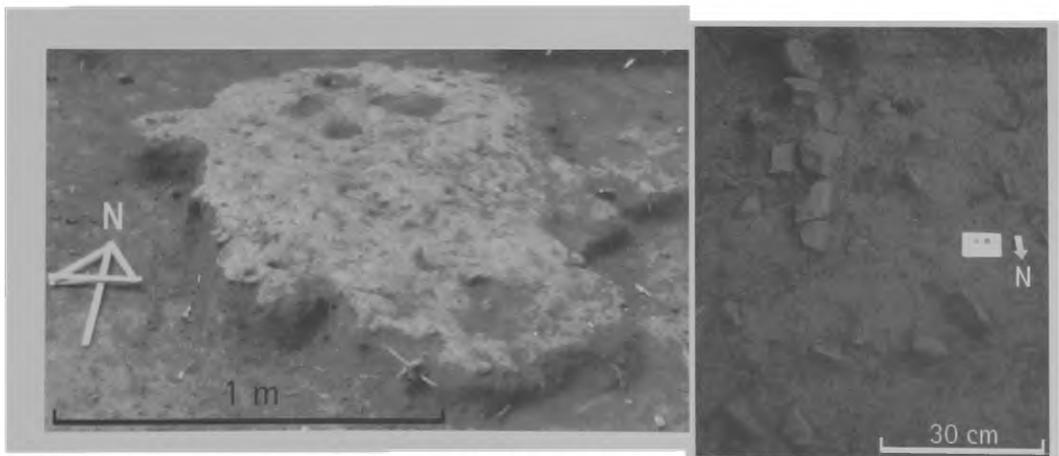


Fig. 2. Feições do montículo B, sítio Posto Fiscal: lente de terra queimada (à esquerda) e aglomerado de pedras (à direita) (acervo NuPARq/UFRGS).

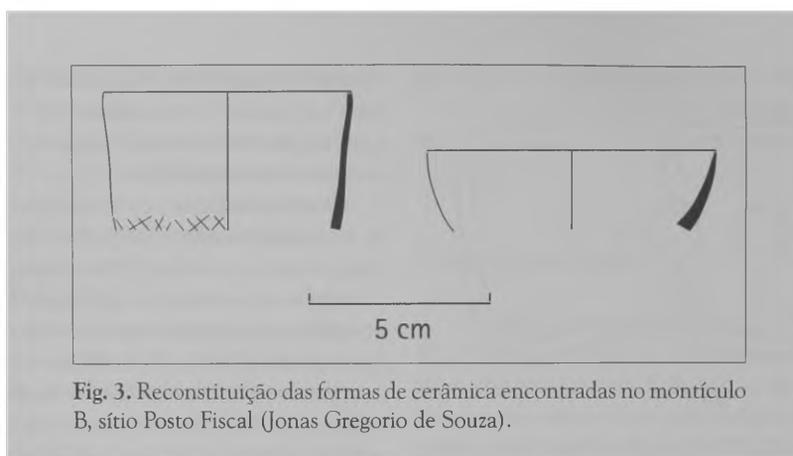


Fig. 3. Reconstituição das formas de cerâmica encontradas no montículo B, sítio Posto Fiscal (Jonas Gregorio de Souza).

Conclusão

Aplicando os critérios apresentados anteriormente, podemos sugerir uma tipologia dos sítios funerários Jê do Sul na área em questão conforme os dados de campo. Os sítios mais comuns são pequenos aterros anelares cercando montículos, conforme exemplificado pelo sítio RS-PE-29-3. Cada montículo encerra um ou mais sepultamentos cremados. Os pares de aterros anelares costumam estar alinhados aproximadamente em sentido leste-oeste, lembrando a prática Kaingang recente de divisão do cemitério pelas metades da tribo (Crépeau 2002: 117-118). Se uma organização dualista estava presente também no passado, os pares de aterros e montículos podem representar essa divisão – lembrando que a orientação e a localização dos sepultamentos é uma forma comum de se marcarem tais divisões horizontais (Carr 2006c: 303; O’Shea 1984: 36-44).

O sítio Posto Fiscal é uma exceção. A quantidade de trabalho necessária para sua

construção é superior à dos demais e a sua arquitetura é mais complexa. Uma gama maior de atividades era realizada em seu espaço. As feições reveladas no sítio, em particular a estrutura de combustão, assemelham-se às descritas em Santa Catarina por De Masi (2009: 105-107) e em Misiones, Argentina, por Iriarte *et al.* (2008: 951-957, 2010: 28-32). Em ambos os casos, os autores sugerem uma diferença de *status* para os indivíduos sepultados junto a tais estruturas. Tais correlatos materiais de festins (Twiss 2008) envolvendo grandes agregações são elementos que estão de acordo com os critérios sugeridos anteriormente para identificação dos cemitérios de alto *ranking*. É possível que, nesses sítios, muitas comunidades se agregassem para o sepultamento e comemoração de mortos de um *status* específico – envolvendo a realização de cerimônias mais dispendiosas (Hayden 2009: 32-35). A confirmação de tal hipótese depende da exploração de outras áreas do Montículo B ou dos demais montículos do sítio, onde ainda se podem localizar sepultamentos.

SOUZA, J.G. Southern Jê earthworks and burial mounds. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 89-94, 2011.

Abstract: In this paper I compare different Jê sites with earthworks and burial mounds, excavated in Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul, Brazil. The first type consists in two small circular earthworks surrounding mounds with cremated burials. The second presents a large circular earthwork joining a rectangular earthwork and surrounding three mounds. Site architecture, energy dispended in construction, and activities performed suggest hierarchical distinctions between the different cemeteries.

Keywords: Southern Jê – Complexity – Mortuary archaeology.

Referências bibliográficas

- BEBER, M. V.
2004 O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. Tese de Doutorado. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- BERNARDINI, W.
2004 Hopewell geometric earthworks: a case study in the referential and experiential meaning of monuments. *Journal of Anthropological Archaeology*, 23: 331-356.
- BINFORD, L.
1971 Mortuary practices: their study and their potential. *American Antiquity*, 36: 6-29.
- CARR, C.
2006a Salient issues in the social and political organizations of northern Hopewellian peoples. In: Carr, C.; Case, D. T. (Eds.) *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer: 73-118.
2006b The question of ranking in Havana Hopewellian societies: a retrospective in light of multi-cemetery ceremonial organization. In: Carr, C.; Case, D. T. (Eds.) *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer: 238-257.
2006c The tripartite ceremonial alliance among Scioto Hopewellian communities and the question of social ranking. In: Carr, C.; Case, D. T. (Eds.) *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer: 258-338.
- COPÉ, S.M.
2007 El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño. *Cazadores-recolectores del Cono Sur: Revista de Arqueologia*, 2: 15-34.
- COPÉ, S. M.; SALDANHA, J.D.M.; CABRAL, M.P.
2002 Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas: Antropologia*, 58: 121-139.
- CRÉPEAU, R.
2002 A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional : uma breve comparação com o xamanismo Bororo. *Horizontes Antropológicos*, 8 (18): 113-129.
- D'ANGELIS, W.R.; VEIGA, J.
1996 Fontes fundamentais para o estudo do ritual Kaingang do Kikikoi (séc. XVI a séc. XIX). In: *Anais do IV Encontro de Cientistas Sociais*. Ijuí, Universidade de Ijuí: 92-108.
- DE MASI, M.A.N.
2009 Centros cerimoniais do planalto meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia*, 22 (1): 99-114.
- HAYDEN, B.
2009 Funerals as feasts: Why are they so important? *Cambridge Archaeological Journal*, 19 (1): 29-52.
- IRIARTE, J.; GILLAM, J.C.; MAROZZI, O.
2008 Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity*, 82 (318): 947-961.
2010 Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y montículos Taquara/Itararé en El Dorado, Misiones (Argentina). *Arqueologia Iberoamericana*, 6: 25-38.
- LAVINA, R.
1994 Os Xokleng de Santa Catarina: uma etno-história e sugestões para os arqueólogos. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MABILDE, P.A.B.
1897 Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XIII. Porto Alegre: 145-167.
- MÜLLER, L.M.
2008 Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- NOELLI, F. S.
1999 Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 3: 285-302.
- O'SHEA, J.
1984 *Mortuary Variability: an archaeological investigation*. Orlando: Academic Press.
- PEEBLES, C.S.; KUS, S.
1977 Some archaeological correlates of ranked societies. *American Antiquity*, 42: 421-448.
- SALDANHA, J.D.M.
2005 Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- 2008 Paisagem e sepultamento nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, 21: 85-95.
- SILVA, S.B.
2001 Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- SOUZA, J.G.; COPÉ, S.M.
2010 Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia*, 23 (2): 98-111.
- STEWART, J. (Ed.)
1946 *The Marginal Tribes*. Washington D.C.: Government Printing Office (*Handbook of South American Indians*; Vol. 1).
- TAINTER, J.A.
1978 Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In: Schiffer, M.B. (Ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 1. Nova York: Academic Press: 105-141.
- TWISS, K.C.
2008 Transformations in an early agricultural society: Feasting in the Southern Levantine Pre-Pottery Neolithic. *Journal of Anthropological Archaeology*, 27: 418-442.